

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17112 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 15 - Psicologia da Educação

A PALAVRA DE SECUNDARISTAS A ABRIR HORIZONTES DE EMANCIPAÇÃO:
ESTUDO NARRATIVO NO TOPOS EDUCACIONAL

Lisiane Ligia Mella - UPF - Universidade de Passo Fundo

**A PALAVRA DE SECUNDARISTAS A ABRIR HORIZONTES DE EMANCIPAÇÃO:
ESTUDO NARRATIVO NO *TOPOS* EDUCACIONAL**

RESUMO: este estudo é parte de um trabalho de pesquisa de doutorado em Educação na linha de pesquisa de Políticas Educacionais, que tem como objetivo a compreensão de narrativas utópicas de secundaristas da terceira série do Ensino Médio de escolas de campo, centro e periferia, públicas e privadas da região norte do Rio Grande do Sul tomando como base seus territórios (*topos*) escolares. O estudo se ancora no método qualitativo hermenêutico-dialético e a abordagem do problema é articulada pela pesquisa (auto)biográfica, situando o dispositivo metodológico do Ateliê da Palavra. Neste recorte, apresentamos fragmentos narrativos de dois secundaristas, Amarelo e Pensador, situando a centralidade na capacidade narrativa dos secundaristas e, mais precisamente, a potência da juventude a reivindicar o seu desejo de futuro, compreendendo a criação narrativa de secundaristas de diferentes *topos* educativos tal como um ato legitimamente *u-tópico* e emancipador. Ao enunciarem algo sobre o seu lugar no mundo, anunciam-se enquanto jovens na temporalidade contemporânea pela via da emancipação.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Secundaristas. Utopia. Educação.

Posicionado pela linha de Políticas Educacionais, este trabalho, oriundo de tese de doutorado em Educação, visa situar a capacidade narrativa como potência da juventude a reivindicar o seu desejo de futuro e a construção de amanhã mais democráticos e em perspectiva de emancipação. Para este intento, voltamos o olhar à noção de utopia que parte das elucubrações de Ernst Bloch (2005, 2006a, 2006b), dissociando-a da noção de fantasia emotivamente irrefletida e da reflexão abstrata e gratuita que o sentido estreito da palavra costuma definir. Para o autor, o ato *u-tópico* diz respeito ao sentido mesmo que sustenta o “sonhar para a frente”, enlaçado ao gesto de interrupção que chacoalha as ideias, mirando-as pelas frestas da vida, pela palavra não-toda.

A pesquisa se posiciona pelo método qualitativo hermenêutico-dialético, sustentando-se pela reflexividade dos sentidos que as juventudes constituem em meio às tensões e contradições que emergem da história reconhecida como tempo vivo. O problema de pesquisa, que visa compreender as narrativas secundaristas, se articula pela pesquisa (auto)biográfica, situando o dispositivo metodológico do Ateliê da Palavra, inspirado no Ateliê (auto)biográfico proposto por Christine Delory-Momberger (2011). O Ateliê foi desenvolvido singularmente em cada uma das seis escolas que compõe o estudo, em contextos (*topos*) educacionais de campo, centro e periferia. No recorte do presente estudo,

elucidamos as narrativas de dois jovens estudantes: Amarelo, estudante da Escola de campo Escrever e Pensador, da Escola periférica Escurecer ^[1]. Acreditamos que ao se enunciarem em nome próprio, ambos vão jogando luzes ao que designam como seus despertares.

Muitos são os obstáculos enfrentados pelas juventudes de diferentes *topos* para constituir o seu lugar e sua posição autoral no mundo adulto e na sociedade. Assumir tal tarefa, sublinhamos, não é pouca ou qualquer coisa: exige de cada sujeito a coragem suficiente para transpor uma determinada condição e enfrentar um panorama social contemporâneo complexo e, em tantos sentidos, desencorajador. Torna-se fundamental para cada jovem romper as estruturas de poder tal como lhes são conhecidas até então, para corajosamente colocar a sua palavra em cena. Palavra que, bem sabemos, por tantas vezes é deslegitimada, negligenciada e posta à margem do debate público nas múltiplas instituições sociais, sobretudo ao que se refere às juventudes minoritárias e periféricas de nosso país.

No espaço criador e utópico do Ateliê da Palavra, cada estudante secundarista narrou algo de si. Ao pôr-se a narrar, cada um foi costurando a sua história de vida à sua temporalidade e aos seus horizontes. É assim que Amarelo lança luz ao seu devir: a partir de uma ideia de amanhã tal como essa que a pouco enunciamos: como um porvir indeterminado, inconcluso. Seu desejo de transposição a impele a falar, mesmo que receosamente, sobre algo que toca os seus sonhos, as suas utopias de vida. Assim introduzimos a palavra de Amarelo, esta que é dotada de questionamentos e insurgências não apenas sobre sua história, mas sobre as formas de vida na sociedade contemporânea e sua posição perante o mundo. Seu enlace com a palavra e com o simbólico da língua se faz escutar durante o Ateliê: Amarelo faz do *atelier* um espaço mesmo de trabalho da palavra, isto é, ela vai “pá-lavrando” a língua, desdobrando-a em meio às suas hesitações, seus vacilos e suas dúvidas. A jovem secundarista alarga suas interrogações: “eu tenho tanta coisa pra falar... é... tipo assim... Mas... não consigo me expressar e... Eu... Penso demais... Falo sozinha... Eu penso na minha cabeça... Eu fico... conversando comigo mesma”.

Arriscamos dizer que talvez seja mesmo este “não-saber muito bem como falar”, que se faça viver, em Amarelo, o desejo de acrescentar um tanto a mais de sua palavra, de sua posição perante o mundo. Afinal, como lembra a artista visual Elida Tessler (2023, *s/p*), há que se “acreditar no vazio como potência de invenção de novos horizontes para o pensamento”. E é assim mesmo, nestes espaços vazios e em seus titubeios, que Amarelo vai alargando suas leituras da vida. Tal como lembra Rassial (1999), a função do significante de representar o sujeito passa a ter valor fundamental na articulação da inteligência do adolescente às exigências do laço social.

Há uma arte específica na nova posição que assume o jovem ao constituir sua língua própria: a de denunciar as contradições do mundo, sejam elas internas ao discurso, como naquelas percebidas pela distância que existe entre o dizer e o fazer. Amarelo reflete acerca do que compreende como uma visão de mundo apequenada que as pessoas, no geral, possuem sobre a vida: há uma distância grande entre o sonhar e a realidade. Segundo ela:

Às vezes a gente tem uma visão tão pequena do mundo, da vida... É tão... Enorme... A gente pode explorar... Tanta coisa... E a gente acaba... Não querendo se arriscar, por medo de errar, perder. Mas... Eu acho que essa visão tá errada... Por isso a gente acaba não... Hã... Digamos assim... Tendo um sonho porque a gente tem medo do fracasso... Então... Tu não vai idealizar um sonho, porque... Tu vê muitas pessoas que não conseguiram... E tu acaba... Simplesmente deixando a vida levar... Assim tu não põe expectativas... E não se decepciona (Amarelo, Escola Escrever).

A estudante se arrisca ao abrir a sua palavra ainda quando percebe que correr riscos é um ato raro e incomum em um contexto social onde a lógica da alta performance e o revés do fracasso parece homogeneizar os discursos e empobrecer a capacidade de narrar e alargar horizontes. Ela percebe que tal forma tirânica de pensar a vida atravessa a sua própria, sendo algo a enfrentar, isto é, a “pá-lavrar” e abrir fendas no discurso.

Durante os Ateliês da Palavra, Pensador deu-se conta de sua potência narrativa, reconhecendo-se em suas palavras. Não à toa, a escolha de seu Nome Próprio se deu a partir mesmo desse percurso significativo de dar-se conta do quanto veio a saber sobre si, do quanto veio a se reconhecer em sua história, incluindo seu passado, seu presente e seu porvir. O secundarista não teve dúvidas de que a dimensão do pensamento entraria em cena na escolha de seu Nome, “pensar”, “pensando”, “Pensador”, ele trouxe para si essa que é uma dimensão particular da passagem adolescente, isto é: a faculdade de pensar, de refletir, de indagar, de questionar, de alargar a vida para além do que está dado.

Como lembra Rassial (1999), há um pensamento específico próprio do adolescente que não é determinado pela maturação fisiológica do cérebro, mas, sim, pela articulação entre a inteligência de que ele dispõe e as exigências do laço social onde ele encontra um novo lugar. Nessa travessia específica, portanto, o tempo presente parece transcender através das inúmeras e amplas possibilidades que o pensamento é capaz de alcançar e de alargar, garantindo uma outra consistência a cada enunciado. Ao discorrer sobre a dimensão do pensamento enlaçado ao campo da educação na perspectiva de Simón Rodríguez, Walter Kohan (2015) alarga a concepção do que acredita consistir uma educação que ensine as crianças e jovens a pensar.

Ao ir narrando sua história e desdobrando suas leituras de mundo, Pensador foi se deparando com este percurso de descobertas sobre si mesmo, interrompendo o fluxo contínuo de ideias e pensamentos por ele conhecidos. Pensador é um estudante de escola periférica que, desde os 14 anos de idade já exerce atividades laborais, começando pelo programa Jovem Aprendiz do Centro de Integração Empresa-Escola - CIEE. Para ele, receber o seu dinheiro, pagar suas contas, auxiliar sua família e ter a possibilidade de investir em uma boa alimentação e exercícios físicos lhe é fundamental. Atualmente Pensador trabalha com carteira assinada, pois, segundo ele, eram muitos descontos e taxas pelo CIEE, fazendo com que recebesse muito menos. Ele diz ser “uma exploração” trabalhar tanto para receber tão pouco. Ao falar sobre o significado do dinheiro para ele, o secundarista abre sua palavra:

Resumidamente, o dinheiro é tudo né... A gente depende do dinheiro pra tudo... A roupa que eu tô vestindo eu precisei pagar ela né... A que a senhora tá vestindo também... O meu celular, o teu celular... Essa folha aqui custou dinheiro, os livro

daqui custaram dinheiro... Dinheiro ele é... É tudo... Essa mesa aqui pra ser feita, a mão de obra, tudo precisou de dinheiro... O dinheiro então ele é tudo, basicamente tudo... Pra hoje tu viver bem, tu precisa de dinheiro (Pensador, Escola Escurecer).

Para Pensador, ter dinheiro é “tudo”, incluindo aí ter condições básicas de vida e acesso a bens de consumo. Essas são dimensões que, para aqueles e aquelas que vivem nas periferias das cidades, vir a tê-las pode estar associado a uma conquista, uma batalha que requer muito trabalhar para, quiçá, pouco receber. Para o estudante, dessa forma, não foi vantagem seguir aderindo à política pública do jovem aprendiz, uma vez em que no final do mês ele receberia menos. Pensador passa, assim, a recorrer diretamente ao mercado de trabalho a fim de obter garantias financeiras e seguir construindo o seu devir.

A partir da leitura de mundo de Pensador, o que almejamos sublinhar aqui, para além do reconhecimento de seu pensamento sobre si mesmo e de sua condição, é colocar em cena o exercício que o secundarista faz, ele mesmo, ao dar-se conta do próprio alargamento narrativo que foi capaz de constituir sobre si. Ao concluir a narrativa acima, ele diz: “nem eu sabia disso, isso eu acho que inventei agora... [risos]... É... É a minha forma de pensar... né, mas é que eu nunca tinha parado pra pensar mesmo nisso...”.

Assim, abrir a sua palavra e estender a sua narrativa possibilitou a Pensador parar para pensar e, diríamos aqui, pensar mais devagar, tal como propõe Larrosa (2018). Ele veio a reconhecer uma nova e outra leitura de sua vida, de seu mundo. Possibilitou a ele elaborar uma outra narrativa, uma outra abertura. E isso não é qualquer coisa, na medida em que ao falar de si, Pensador se dá conta não apenas de seu *topos* e de sua classe social, mas, também, do que o chão que ele pisa significa para ele, abrindo brechas para a singularidade entrar em cena. Afinal, para Pensador, ter dinheiro parecer se associar a ter, também, a garantia de seu porvir.

Eis aí a complexa, sempre incerta e cambiante tarefa de encontrar algum lugar possível no mundo e no devir em abertura à primavera juvenil e à vida adulta. Ao se enunciarem em posição de autoria, Amarelo e Pensador também escolhem alargar o seu devir, isto é, escolhem enunciar algo sobre o seu lugar no mundo, anunciando-se enquanto jovens em suas temporalidades, em seus *topos*, em seus impossíveis e em seus goles de ar. Nossa posição é de que narrar é preciso uma vez em que apenas pôr-se a caminhar rumo ao amanhã não basta. Narrar é preciso afim de adiar o fim, a fim de alargar o porvir, estender a capacidade de ampliar os horizontes que há muito parecem se comprimir diante de nossos olhos, diante de um futuro que, ao ser embalado à vácuo pelo mercado, asfixia a vida e a própria capacidade de criar o amanhã.

REFERÊNCIAS

AULA “UMA PÁ LAVRA”, COM ELIDA TESSLER. 2023. UFRGS - **Jornal da Universidade**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/events/aula-uma-pa-lavra-com-elida-tessler/>. Acesso em: 4 jun. 2023.

- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. v. I, .
- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2006a. v. II, .
- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2006b. v. III, .
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Orar com o corpo**. Campinas: Verus Editora, 2005.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 333–346, abr. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100015>.
- KOHAN, Walter Omar. Inventamos ou erramos. Um princípio para pensar a dimensão filosófica do educar? **Itinerários de Filosofia da Educação**, v. 13, n. 0, p. 326–338, 13 ago. 2015. .
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- RASSIAL, Jean-Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

[1] Para preservação das identidades dos secundaristas e de suas escolas, os nomes (Nomes Próprios) foram alterados e situados a partir da escolha pessoal dos estudantes. No caso das escolas, a escolha ocorreu a partir de poemas de Carlos Rodrigues Brandão (2005) na obra “Orar com o Corpo”. O projeto de pesquisa foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição em que o estudo foi desenvolvido.